



## **A gestão do abismo na literatura brasileira recente: a iminência do desastre em Bernardo Carvalho**

Paulo César Thomaz

### **► To cite this version:**

Paulo César Thomaz. A gestão do abismo na literatura brasileira recente: a iminência do desastre em Bernardo Carvalho. Catalonia, 2014, Avatars littéraires de la catastrophe, 15, pp.107-114. <hal-03639175>

**HAL Id: hal-03639175**

**<https://hal.science/hal-03639175v1>**

Submitted on 25 Oct 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

# **A gestão do abismo na literatura brasileira recente: a iminência do desastre em Bernardo Carvalho**

**Paulo César THOMAZ**  
Universidade de Brasília  
plthomaz@unb.br

**Resumé :** Cette étude se propose d'analyser dans l'œuvre de l'écrivain brésilien Bernardo Carvalho des sujets qui illustrent une approche problématique entre l'écrit fictionnel et l'expérience existentielle caractérisée par une continuelle menace et le danger de destruction. À travers une forme fragmentaire, Carvalho revendique un imaginaire catastrophique qui dialogue avec le désastre. Ainsi, il apporte à la littérature les déchirements et les déséquilibres des liens furtifs entre la matérialité et l'historicité du présent.

**Mots-clés :** violence, modernisation, économie, désastre, littérature brésilienne contemporaine

## **1. Introdução**

«A língua do futuro vai dizer sempre o contrário. O assassino vai clamar por justiça, na língua do futuro. O fascista será o porta-voz da democracia, na língua do futuro. O lobo na pele de cordeiro, na língua do futuro. O ódio em nome do amor, a morte pela vida, na língua do futuro».  
Bernardo Carvalho, *Reprodução*

Este estudo consiste em delinear, na obra narrativa do escritor brasileiro Bernardo Carvalho, tópicos que figuram de modo manifesto uma aproximação problemática entre escrita ficcional e figuração de uma experiência existencial ou ontológica caracterizada, desde uma forma fragmentária, pela contínua ameaça e perigo de destruição ou dissolução. Podemos dizer que o autor, sem dúvida, compartilha este tema sobressalente da esfera literária presente com outros escritores latino-americanos dessas últimas décadas, como, por exemplo, o colombiano Fernando Vallejo, com *El desbarrancadero*, romance de 2001, o chileno Roberto Bolaño, com *2666*, escrito em 2004 e o também brasileiro Michel Laub, com *O diário da queda*, de 2011, entre outros.

Há inclusive um estudo do pesquisador da Universidade de São Paulo, Eduardo Teruki, intitulado precisamente *Marcas da catástrofe*<sup>1</sup>, em que ele analisa esses vestígios de destruição derivados principalmente da experiência urbana nas obras narrativas *O caso Morel*, de Rubem Fonseca, *Rastros de verão*, de João Gilberto Noll, e *Estorvo* de Chico Buarque. Desde uma perspectiva que ainda guarda resquícios do socio-estruturalismo da crítica literária dessa universidade, Otsuka, ao analisar *Rastros de verão*, de Noll, por exemplo, assinala as imagens atípicas da narrativa que, segundo

---

<sup>1</sup> OTSUKA, Eduardo Teruki. *Marcas da catástrofe. Experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonseca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. São Paulo: Nankin editorial, 2001.

seu entendimento, constituiriam brechas por onde se pode entrever com mais exatidão a severa marca da precariedade opressiva do real, que o narrador do texto é incapaz de captar apenas com o olhar. Igualmente em *Estorvo*, de Chico Buarque, o autor destaca na arquitetura do texto um mundo desintegrado que dá a conhecer os estilhaços de uma catástrofe social, refratada pela consciência esfacelada que conduz a voz narrativa.

Sendo assim, em diferentes narrativas de Carvalho, os âmbitos da expressão artística, em suas formas externas romanescas e na conformação das tramas e personagens, distinguem-se por uma eloquência retórica muitas vezes espectral, no sentido benjaminiano, e também paradoxal, em curto circuito, que tende para a ruína e para o desastre, ou até mesmo para a reincidente e apreensiva «soberania do accidental», nas palavras de Maurice Blanchot<sup>2</sup>. Quando mencionamos o conceito de eloquência espectral desde a perspectiva benjaminiana queremos nos referir ao poder simbólico do termo espectral/fantasmagórico presente na singular leitura que filósofo alemão faz, no texto «As armas do futuro», de 1925, das dinâmicas bélicas que seriam impostas pelo uso das armas químicas num futuro cenário europeu, em que as ruínas urbanas resultantes apontariam para uma guerra espectral, que atuaria em várias frentes e avançaria de maneira invisível: «A guerra vindoura terá um *front* espectral. Um *front* que será deslocado fantasmagoricamente ora para esta ora para aquela metrópole, para suas ruas, diante da porta de cada uma de suas casas.»<sup>3</sup>. Igualmente, podemos nos referir à recuperação contemporânea, por parte da crítica, de um Benjamin mais paradoxal e espectral que surge principalmente a partir da leitura e publicação de *Passagens*. Nesta obra, um experimento de reaver determinada experiência de modernidade rege a estrutura fragmentada e serial do texto e recupera também outra ideia de experiência inapreensível que reside em textos menos conhecidos e comentados a partir da noção de experiência, como «Diário de Moscou», «Infância em Berlim», ou «Hashish»<sup>4</sup>.

Deste modo, ao explorar, como contemporâneo, vínculos furtivos com a materialidade e a historicidade do presente, entendido esse «contemporâneo», nos termos do filósofo Giorgio Agamben como «aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro»<sup>5</sup>, podemos dizer que Bernardo Carvalho traz, para esses territórios à beira do abismo convertidos em ficção literária, as aporias e tensões decorrentes do processo de esvaziamento do caráter humanista e libertador da modernidade democrática latino-americana.

## 2. Colapso da modernidade/modernização?

Cabe lembrar que nos anos 1990 esse vínculo entre imaginário catastrófico e derrocada da modernidade latino-americana faz-se presente em diferentes discursos no âmbito sociocultural do continente. O crítico Roberto Schwarz, por exemplo, ao resenhar em 1993 a obra *O colapso da modernização* do sociólogo Robert Kurz, de 1992, assinala com destaque o que Kurz denomina «carácter pós-catastrófico», das sociedades latino-americanas, que nasce com o fim das ditaduras e das repúblicas socialistas do leste europeu. Em seu texto, Schwarz aponta, desde a singular perspectiva

<sup>2</sup> BLANCHOT, Maurice. *La escritura del desastre*. Caracas: Monte Ávila, 1987, p. 11. Usaremos sempre esta versão espanhola do texto de Blanchot em nosso estudo. A tradução dos fragmentos da obra para o português é nossa.

<sup>3</sup> BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

<sup>4</sup> Nessa perspectiva conferir GARRAMUÑO, Florencia [et al.]. *Experiencia, cuerpo y subjetividades. Literatura brasileña contemporánea*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2007.

<sup>5</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, p. 62.

de Kurz, como, durante as últimas décadas do século XX, com a ruína dos países socialistas, a concorrência mundial havia acabado por atrofiar a produtividade contemporânea, tornando sem uso parte das atividades produtivas do planeta, como seria o caso da América Latina. O caráter excludente destas novas forças produtivas baseadas na tecnologia converteria assim em anacrônicos e obsoletos os esforços desenvolvimentistas empreendidos por estes países. Como consequência, o efeito do «Fracasso» dessa modificação levaria ao aparecimento, na década de 1990, de sociedades «pós-catástrofe», onde predominaria a ruína que levaria por asfixiar os benefícios da modernidade democrática recém-adquirida<sup>6</sup>. Nas palavras de Roberto Kurz:

A história real do Terceiro Mundo nos anos 70 e 80 desmente essas ideologias [referentes ao desenvolvimentismo] do mesmo modo que o palavrório dos especialistas ocidentais sobre os maravilhosos mercados novos. Pois o Terceiro Mundo já passou pela parte essencial de seu colapso, ainda que a vida, depois de terminar a «normalidade», continue de alguma maneira, em um nível cada vez mais miserável. Depois de realizar-se a catástrofe primitiva da reprodução social, trata-se, por assim dizer, de «sociedades pós-catastróficas», que somente estão ligadas à circulação sanguínea global do dinheiro por algumas poucas veias muito finas. Uma porção gigantesca, e ainda crescente a cada ano, da população mundial afunda-se assim em desespero, vegetando naquelas condições barbarizadas que ainda estão por vir no Leste<sup>7</sup>.

Nessa mesma perspectiva, para as sociólogas Cibeles Rizek e Maria Paoli, em artigo intitulado «Depois do desmanche», os anos 1990 significaram a destruição de quase todas as formas e caminhos, institucionais e não institucionais, pelos quais se conduzia o debate sobre as potencialidades da democracia e da democratização brasileiras. As autoras apontam a perda da potência da política, não apenas no âmbito das imperfeições e inacabamentos da então democracia recente, mas como destruição das possibilidades do campo político como solo e meio pelo qual se poderia aprofundar e realizar a disputa democrática. Após um longo estudo sobre o tema, em que atuaram diversos pesquisadores, as autoras concluem:

Embora tenhamos reconhecido algumas figuras do dissenso [...] chegamos à identificação de uma ordenação que consegue impedir que se formem experiências e comunidades políticas capazes de aparecer como tal, capazes de disputar a possibilidade de funda sua alteridade como conflito e diferenciação crítica<sup>8</sup>.

É diante desse cenário que podemos reconhecer, nos contornos catastróficos das obras de Carvalho que delinearemos a seguir, como o imaginário de um universo em dissolução, em que a vida se converte em algo que tensiona violentamente a subjetividade, que excede os limites suportáveis do sujeito individual, atua sobre a esfera ficcional de narrativas como *Onze* (1995), *Teatro* (1998) e a mais recente *Reprodução* (2013), entre outras.

---

<sup>6</sup> SCHWARZ, Roberto. «O livro audacioso de Robert Kurz». Em SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 182-188.

<sup>7</sup> KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. [versão digital]

<sup>8</sup> RIZEK, Cibeles Saliba; PAOLI, Maria Célia. «Depois do desmanche». Em OLIVEIRA, Francisco de; RIZEK, Cibeles Saliba. *A era da indeterminação*. São Paulo: Boi Tempo, 2007, p. 10.

### 3. Zonas exasperantes

Antes de avançarmos sobre esse imaginário em que intervêm variados mecanismos e elementos simbólicos que nos levam a pensar nesse território *in extremis*, cabe advertir que recuperaremos, nos breves comentários destas duas primeiras obras, reflexões anteriores nossas sobre o autor<sup>9</sup>. Nosso propósito será vinculá-las a modos alternativos de entendimento desse aspecto destrutivo da narrativa, sobretudo no que se refere ao conceito de desastre. Assim, em *Onze*<sup>10</sup>, por exemplo, a iminência de um assassinato em massa no aeroporto de Paris percorre como sinal de violência e destino fatal três conjuntos narrativos. As personagens expressam afetividades ameaçadas por um distanciamento sucessivo e existências em sofrimento permanente em meio à miserabilidade do dia a dia das cidades brasileiras e mundiais, um mundo violento e hostil, marcado pelo destino fatal de uma pandemia, a AIDS. São espectros de personagens a deriva, figuras extremas fadadas a um avançar da vida que se decompõe sem interrupção, modesto inferno em que o sentido padece de um horror a fixação de tempos e causalidades.

Não é por acaso, então, a indagação de Blanchot: «Não será o desastre repetição, afirmação da singularidade do extremo? O desastre ou o não verificável, o impróprio»<sup>11</sup>. Nesse sentido, Bernardo Carvalho, em depoimento publicado em 2005, relata sua preocupação em aproximar sua práxis literária de experiências mais dissonantes e extremas: «o mais extraordinário na literatura é justamente o poder de criar diferenças e desvios, de tomar caminhos inesperados e imprevistos, em vez de seguir regras»<sup>12</sup>.

Já em *Teatro*<sup>13</sup>, dois relatos contraditórios e perturbadores se desautorizam mutuamente e colocam em risco a própria plausibilidade do romance. O primeiro consiste na voz de um policial aposentado, Daniel, num país não identificado, filho de imigrantes ilegais, que narra o árido regresso ao país natal, nos moldes das grandes diásporas contemporâneas. Ao mesmo tempo, um «terrorista» anônimo envia cartas letais que envenenam e matam empresários e executivos bem sucedidos. A segunda história trata-se de um fotógrafo de paisagens de mesmo nome, Daniel, internado em um hospício, que nos conta a história de Ana C., astro de fitas pornô, viciado em drogas, envolvido na trama de um assassinato de um político. Aqui, o desconcerto das tramas e a vertiginosa manipulação ficcional leva ao quase colapso das instancias da representação narrativa.

Estas transformações sem limites de ambos os romances, que retêm os significados em uma zona exasperante, pondo em cheque os moldes do real, constituem-se por meio de uma escrita fragmentária que, podemos dizer, muitas vezes nos coloca «em relação» mediante precisamente a «não relação», deixa-nos frente a um extravio que detém os cursos da razão e suas ferramentas de poder discursivo a través das quais as individualidades se sedimentam como apropriações incertas<sup>14</sup>. Não há dúvida que esse ordenamento de acontecimentos que se colapsam nos permite vincular a obra de

<sup>9</sup> Conferir, nesse sentido, THOMAZ, Paulo C. . «Poéticas do dilaceramento e da desolação: Bernardo Carvalho e Sergio Chejfec». Em: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 36, p. 233-240, 2011. E igualmente THOMAZ, Paulo C. . «A contemporaneidade in extremis: desolação e violência nos romances *Onze* e *As iniciais* de Bernardo Carvalho». Em: *Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, v. 2 (2012), p. 71-76.

<sup>10</sup> CARVALHO, Bernardo. *Onze*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>11</sup> BLANCHOT, *Op. cit.*, p. 13.

<sup>12</sup> CARVALHO, Bernardo. *O mundo fora dos eixos*. São Paulo: Publifolha, 2005, p. 218.

<sup>13</sup> CARVALHO, Bernardo. *Teatro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>14</sup> Sobre o conceito do pensamento da não relação em Blanchot ver FERNÁNDEZ GONZALO, Jorge. «Maurice Blanchot y el pensamiento de la no-relación». Em: *Revista Neutral*. Febrero, 2, 2012, p. 1-16.

Carvalho à escrita fragmentária de Maurice Blanchot sobretudo àquela presente em *A escrita do desastre*<sup>15</sup>. Ainda que seja evidente a singularidade e a irredutibilidade do projeto filosófico do pensador francês, a irracionalidade dialética de sua escrita, repleta de aporias, pode aclarar esse proceder por fragmentos e pelo «impróprio», na perspectiva heideggeriana de algo em dissonância com o ser<sup>16</sup>, igualmente observado nas narrativas do autor brasileiro que citamos anteriormente e no romance mais recente intitulado *Reprodução*, sobre o qual no deteremos a seguir.

#### **4. Angústia e subtração**

De um modo breve (e arbitrário por suposto), podemos dizer que o (não) conceito de desastre para Blanchot é o que estaria fora dos astros, fora de uma imposição identitária planetária, em uma deriva que não pode ser pensada ou nomeada diretamente. Nos termos do pensador francês «pensar o desastre (supondo que seja possível, e não o é na medida em que pressentimos que o desastre é o pensamento), é já não ter mais porvir para pensá-lo»<sup>17</sup>. A escrita de Blanchot nos coloca, como a narrativa do autor brasileiro, em contato com a angústia da subtração e da ausência. Não nos entrega nada, ao contrário, abre um vazio, desarticula, deixa-se abandonar nos espaços em branco para logo atravessar-nos com uma falta que é a insuficiência do viver<sup>18</sup>. O desastre em Blanchot é o não alcance de uma subjetividade, o que está desestruturado, o pensamento em quanto que não estrutura, não poder, sem nenhum grau de pertencimento ou possessão para com um sujeito porque não há subjetividade transcendente que possa pensar o mundo, e porque tampouco há mundo já que pensar, mas a ausência de mundo, o bloco não pensável do mundo.

Como um pequeno parêntesis, a título de exemplo, vale mencionar, nesse contexto, outra obra de Carvalho – que merece sem dúvida um estudo monográfico mais detalhado dado a sua complexidade – que conecta seu projeto poético a essas formulações do desastre presentes no pensamento de Blanchot. Consiste em seu trabalho como dramaturgo na obra *Br3*, desenvolvida entre os anos de 2005 e 2006 conjuntamente com o grupo Teatro da vertigem, e encenada nas margens e nas águas do rio Tietê, em São Paulo, sob o cruzamento de grandes viadutos e pontes rodoviárias. Este rio que corta a cidade, conhecido pela degradação ambiental, pelo odor desagradável e pela sujeira, superdimensionado canal de dejetos ao ar livre, morto e mortificador, foi o cenário para o argumento de Carvalho que versava sobre a saga de três gerações de uma mesma família, que por sua vez atravessava três espaços distintos e heterogêneos do país: Brasília, Brasilândia em São Paulo e Brasiléia no Acre. Os destinos trágicos e violentos das histórias da saga se duplicavam nessa paisagem pós-

---

<sup>15</sup> BLANCHOT, *Op. cit.*

<sup>16</sup> Em *Parmenides* Heidegger sustenta que certas relações do homem com seus mecanismos de vida estão expressas nas formas próprias e impróprias de escrita. O filósofo alemão afirma que esta tensão entre uma relação própria com o Ser, que o ser humano experimenta quando escreve à mão, e uma forma degradada ou imprópria, quando escreve à máquina, move o homem moderno para algo que o desestabiliza. Segundo Heidegger: «No es casual que el hombre moderno escriba ‘con’ máquina de escribir y ‘dicte’ [diktiert] (la misma palabra que ‘poetizar’ [dichten]) ‘en’ una máquina. Esta ‘historia’ de los tipos de escritura es una de las principales razones para la creciente destrucción de la palabra. Ésta no va y viene ya por la mano que escribe, la mano que actúa propiamente, sino por su impresión mecánica. La máquina de escribir arranca la escritura del dominio esencial de la mano, es decir, del dominio de la palabra». Conferir HEIDEGGER, Martin. *Parmenides*. Toledo: Akal, 2005, p. 105.

<sup>17</sup> BLANCHOT, *Op. cit.*, p. 9.

<sup>18</sup> FERNÁNDEZ GONZALO, *Op. cit.*, p. 13.

catastrófica que o Tietê oferecia, ao mesmo tempo em que se discutia a radicalidade e os efeitos destrutivos das oposições entre o arcaico e o moderno brasileiros.

### 5. Fabricação do desastre

Sendo assim, nessa ótica, *Reprodução*, romance de 2013<sup>19</sup>, retoma a proposta fragmentária e desconcertante dos romances anteriores de Carvalho. A particular e também irreduzível trama da narrativa divide-se em três partes: na primeira, temos o interrogatório, realizado em um aeroporto por um delegado, de um homem prestes a embarcar para a China; na segunda, uma agente da Polícia Federal conversa com o mesmo delegado da investigação anterior; e na última, temos a voz solitária do homem que volta a se dirigir ao delegado para revelar o desenlace da trama policial. Apesar das interferências do narrador, a ausência da voz da personagem do delegado nos diálogos derrama simbolicamente uma falta ontológica sobre todo o texto, que irá se sobrepor ao vazio das existências esboçadas na narrativa.

Além dessa omissão, que incomoda o leitor, o prenúncio do desastre em *Reprodução* conforma-se pelo cruzamento entre um temor coletivo capitaneado pela figura demoníaca da economia e do Estado chineses –também presente em outros romances, como *O livro dos mandarins*, do Ricardo Lísias<sup>20</sup> –, prestes a invadir o mundo em contraposição ao Brasil, um país «que não significa nada, porque é tudo que os outros países são, só que assimétrico», e histórias individuais em derrocada. Como exemplo, temos a personagem apenas identificada como estudante de chinês, homem que renuncia ao seu trabalho no mercado financeiro, depois do abandono da esposa, e passa estudar, sem sucesso, a língua do país asiático. Em seu depoimento ao delegado, núcleo da primeira parte da narrativa, ganha corpo o que Jacques Rancière<sup>21</sup> denomina de máquina social de fabricação da opinião pública e sua ilimitada capacidade de imposição e penetração: os noticiários dos jornais, as revistas, os textos da internet ou dos blogs são, para a personagem, a fonte de seu entendimento de mundo preconceituoso, homofóbico e racista, que deriva numa percepção do desastre em que existência e enfermidade correm paralelas:

O articulista mandou bem. Foda. Foda. Se é humano, um dia tem que acabar. Também! Somos sete bilhões, crescendo no ritmo de setenta milhões ao ano. Somos uma epidemia infestando o planeta, um surto. Nós somos a doença, circulando em aviões pelos quatro cantos do globo, espalhando a nossa morte com todo tipo de vírus desconhecidos. E, como toda epidemia, temos um fim<sup>22</sup>.

Este histerismo e alarme estão ainda permeados por uma ideia de economia que golpeia incessantemente todos os âmbitos do campo da experiência dos sujeitos e da sociedade. Podemos dizer que essa noção de economia funciona nos moldes de uma teologia, fundada em um conceito de providência ou ordem divina e sustentada justamente pelos recursos aclamatórios da opinião pública. Desse modo, essa economia, apenas aparentemente secularizada, permite-nos entender a iminência de uma catástrofe

<sup>19</sup> CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

<sup>20</sup> Neste romance, o protagonista, Paulo, é um executivo de banco, cujo projeto profissional principal é ser transferido para a China. Esta personagem atua como um arquétipo do mundo corporativo, uma espécie de *homo economicus* subordinado e confinado inteiramente aos dispositivos e técnicas do capital globalizado. Conferir LÍSIAS, Ricardo. *O livro dos mandarins*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2012.

<sup>21</sup> RANCIÈRE, Jacques. «As novas razões da mentira». Em: Folha de S. Paulo, *Caderno Mais!*, p. 3, 22/8/2004.

<sup>22</sup> CARVALHO, *Op. cit.*, p. 18.

uma vez que seus desígnios podem ser suspensos ou acionados por um ato “divino” de quem a domina de modo hegemônico:

Não precisa ler Bíblia. Nem dar ouvidos a Jesus. Basta fazer o curso básico de qualquer MBA de periferia. [...] Todo mundo sabe que não pode parar de crescer. [...] É o que eles ensinam no curso básico de qualquer MBA e na Bíblia. O mesmo que disse Jesus. Deus, tanto faz. Todo economista sabe<sup>23</sup>.

É interessante notar que a tese de que vivemos sob os resquícios de um modelo teológico-econômico aparece igualmente na obra *O reino e a glória*, de Giorgio Agamben<sup>24</sup>. O filósofo faz um complexo e minucioso estudo genealógico da teologia cristã para provar a existência de dois paradigmas políticos: a teologia política e a teologia econômica, que implica que a própria teologia, muito antes do processo de secularização, é concebida como uma *oikonomia*. Segundo o autor, poderíamos entender a presença abrumadora da gestão da economia nas sociedades mundializadas atuais por meio deste paradigma teológico-econômico, com seus aspectos aclamatórios, litúrgicos e cerimoniais, uma vez que este paradigma estaria na raiz das teorias econômicas do próprio liberalismo, vínculo já referido no curso de 1978/1979 oferecido por Michael Foucault no College de France, por exemplo, em sua análise do conceito de «mão invisível» em Adam Smith:

Smith seria o indivíduo que teria mais ou menos implicitamente, com essa noção de mão invisível, estabelecido o lugar vazio, mas apesar de tudo secretamente ocupado, de um deus providencial que habitaria o processo econômico quase, digamos, como o Deus de Malebranche ocupa o mundo inteiro, até o menor gesto de cada indivíduo, pelo intermédio de uma extensão inteligível de que tem o domínio absoluto<sup>25</sup>.

Sendo assim, as inumanidades dessa presença da economia na narrativa podem ser vistas, igualmente, na personagem da jovem professora de chinês, forçada a emigrar para o Brasil em razão das condições atrozess que sofrem as mulheres de famílias numerosas na China. No entanto, desafortunadamente, no país sul-americano esta jovem chinesa igualmente encontra apenas a precariedade e o desamparo, uma vez que se encontra excluída de qualquer proteção do Estado por ser uma imigrante ilegal. Sua vida encontra-se, assim, fora de qualquer jurisdição, obliterada por meio de diferentes formas de tratamento, exposta ao vazio no interior dessa formação social brasileira mediatizada.

Apesar disso, ela ainda arrisca-se a envolver-se com o narcotráfico, em uma tentativa de salvar uma criança, cujos pais foram assassinados pela máfia chinesa, levando-a para o seu país natal. Este é o núcleo do argumento do romance, que dispara as demais histórias: a jovem professora de chinês, juntamente com a criança, é retirada da fila de check-in do voo por um policial, com o propósito de protegê-la, antes que seja detida realmente pela polícia, em razão do porte de droga.

O agente disse que há cinco meses, quando a chinesa [a professora de chinês] voltou pra casa, a menina ainda estava lá. [...] Os pais não apareceram [...] Mataram os dois [...] Foram assassinados com tiros à queima-roupa, na nuca e na cabeça [...] Eram gente muito pobre. Vê? Foram assassinados porque queriam ir embora<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> CARVALHO, *Ibid.*, p. 44.

<sup>24</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

<sup>25</sup> Conferir FOUCAULT, Michael. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martim Fontes, 2008, p. 379.

<sup>26</sup> CARVALHO, *Op. cit.*, p. 120.



Por outro lado, outro elemento distintivo da narrativa é certo caráter apocalíptico gerado pela esfera linguística em sua relação com o aspecto transcendente da existência. O diálogo da delegada, marcada pela tragédia por ter assassinado o próprio filho, viciado em crack, e igualmente sem a contrapartida de seu interlocutor, gira em torno do prenúncio de algo muito grave metaforizado em argumento linguístico: o desaparecimento de um número de línguas sugere um movimento geral de descrença e de destruição da humanidade:

Está escrito aqui que a diversidade é um reservatório de adaptabilidade. Quanto mais diferença houver, mais chance de nos adaptar ao inesperado. Com mais línguas, temos mais chances de resistir. [...] Passamos da mitologia, onde havia um deus para cada coisa, pros monoteísmos e pro ateísmo. Ao mesmo tempo que as línguas foram diminuindo. Incrível. Deixar de acreditar é sinal de que estamos chegando ao fim<sup>27</sup>.

## **6. Considerações finais**

Para finalizar, pretendemos com este breve estudo destacar alguns aspectos da narrativa de Carvalho em que a gestão de personagens e tramas nos faz pensar na dissolução ou no desastre repleto de aporias do qual nos fala Blanchot. Porém, essa construção literária de um conceito de abismo, de algo que se precipita para destruição, não deixa de atravessar e negociar sentidos para a materialidade de um presente identificado com a ruína da modernidade democrática latino-americana e com os massivos transbordamentos inumanos do capitalismo econômico-financeiro, que golpeiam e acutilam continuamente, com seus recursos aclamatórios e litúrgicos, a esfera simbólico-cultural das sociedades latino-americanas das últimas décadas criando, sem dúvida, modos simbólicos do horror e da destruição.

---

<sup>27</sup> CARVALHO, *Ibid.*, p. 115.